

O fundamental

Antonio Delfim Netto



Grupos não pequenos de estudiosos insistem em atribuir a crise a uma organização social misteriosa à qual dão o nome genérico de “capitalismo”, codinome da organização da atividade econômica em torno dos “mercados”, instituição que os homens “descobriram” para coordenar a atividade de consumir bens e serviços e, ao mesmo tempo, estimulá-los a produzir de forma relativamente eficiente e com maior liberdade individual. É preciso reconhecer que: 1) os mercados são meros instrumentos alocativos que tentam compatibilizar os interesses dos indivíduos no seu duplo papel; 2) obviamente, não há simetria de poder entre esses papéis; e 3) eles (os mercados) não podem funcionar (ou mesmo existir!) sem um Estado para regulá-los.

Essa economia de mercado não foi inventada. Há claras evidências de que os mercados existem desde a velha Mesopotâmia (500 anos antes de Cristo). Foi sendo “descoberta” pelos próprios homens na sua atividade prática de buscar instituições que lhes permitissem facilitar a sobrevivência material e a possibilidade de combiná-la com sua eterna busca de liberdade de iniciativa. Ela não é nem perfeita nem imortal. A grande esperança é que a ação do Estado que garante a sua funcionalidade, possa minorar seus defeitos com as políticas econômica (a flutuação) e social (a desigualdade).

A irresponsabilidade fiscal dos Estados precisa ser superada

A ideia que os mercados têm a capacidade de autocorrigir-se e que os resultados da distribuição de seus benefícios são “justos” ou “merecidos” — e que, portanto, dispensam a ação do Estado — é absurda. Tão absurda quanto a ideia que os problemas que estamos vivendo se devem apenas a eles, sem nenhuma cumplicidade do Estado.

Já passou da hora de os economistas livrarem-se de umas ingenuidades. A primeira é que Deus foi bom com eles deixando-lhes como objeto de estudo um mundo, cuja ordem poderia ser descoberta, como, por exemplo, o movimento dos astros. A segunda é o reconhecimento que, por mais importante que seja o papel do Estado, o poder incumbente está longe de ser onisciente e, logo, não precisa ser onipresente e, muito menos, pretender a onipotência!

A história nos ensinou, e a experiência atual confirma, que o Estado precisa ser fiscalmente responsável! Não é preciso ser economista para entender tal “conta de padaria”. A receita pública não pode ser, permanentemente, maior do que a despesa pública, não importa a “qualidade” ou a

“necessidade” do gasto. Se ele é imperioso e permanente, só há três formas de atendê-lo: 1) aumentando a eficiência do governo; 2) cortando despesa menos prioritária; ou 3) aumentando os impostos. É uma maldição aritmética desagradável que a relação dívida pública/PIB só possa ser estabilizada num nível cujo financiamento possa ser feito, permanentemente, com uma taxa de juros real menor do que a taxa de crescimento real do PIB.

Parece razoável concluir, portanto, que o que precisa ser superado é a irresponsabilidade fiscal dos Estados e a sua incompetência regulatória. Vivemos, basicamente, uma manifestação de Estados pouco cuidadosos fiscalmente e impotentes diante do poder econômico dos interesses financeiros. A crise de 2007/09, que se recusa a terminar, é a testemunha da tendência do setor financeiro de servir-se do setor real e de sua capacidade de apropriar-se do poder incumbente.

Os “indignados” sugerem trazer de volta ideias de cérebros peregrinos, que “inventaram” outros mecanismos de organização social. Os mesmos que rechearam de tragédias o século XX. É preciso insistir que, até agora, o mercado como instrumento alocativo relativamente eficiente não encontrou nenhum substituto, como mostram o fracasso soviético e o sucesso chinês.

A crise americana é menos grave do que a da Eurolândia, mas tem pouca probabilidade de terminar antes da eleição de novembro de 2012. E depois? Depois, valha-nos Deus se os intelectuais republicanos vencerem a batalha eleitoral! É uma pena. Os EUA têm tudo para sair mais depressa da crise. Faltam-lhes apenas uma liderança que reconstrua a confiança da sociedade.

Na Eurolândia, a questão é mais complicada. Ela tem, na verdade, quatro problemas: 1) um desalinhamento das moedas dentro do euro, que causa resultados assimétricos nos balanços de pagamentos; 2) um descontrole dos déficits públicos; 3) uma perspectiva de crise bancária; e 4) falta-lhe um Banco Central autônomo, que seja, de fato, o emprestador de última instância e possa organizar as dívidas dos países. O jogo dialético civilizatório (apoiado no sufrágio universal) entre o mercado e a urna não é uma linha reta: pode sofrer graves e custosos desvios. O fato fundamental é que ele não resiste à irresponsabilidade fiscal. Quando essa leva as lideranças políticas à completa predominância do curto prazo sobre o longo, aproveitando-se de situações econômicas passageiras favoráveis para permanecer no poder, o mercado (isso é, a realidade fática) acaba cobrando o seu preço.

O Brasil pagou tal preço no passado. A presidente deve ser fortemente apoiada quando corta na carne o Executivo e pede moderação ao Legislativo, ao Judiciário e aos sindicatos. Nunca a solidez fiscal foi tão necessária para proteger-nos da crise mundial, que está longe de terminar. É por isso que a DRU deve ser aprovada.

Antonio Delfim Netto é professor emérito da FEA-USP, ex-ministro da Fazenda, Agricultura e Planejamento. Escreve às terças-feiras

E-mail: contatodelfimnetto@terra.com.br

Novas regras vão permitir que o setor privado construa gasodutos

André Borges De Brasília

O governo deu um passo importante para reduzir a dependência da Petrobras em transporte de gás pelo país, operação que historicamente é monopólio da estatal. Em até duas semanas, o Ministério de Minas e Energia vai publicar uma portaria com a definição de regras para que o setor privado entre na construção de novos gasodutos.

O texto, que é um avanço em relação às normas da Lei do Gás, sancionada em dezembro do ano passado, estabelecerá as condições para que empresários de qualquer ramo apresentem, por conta própria, projetos para construção de ramais de transmissão de gás com base em demandas que eles tenham identificado.

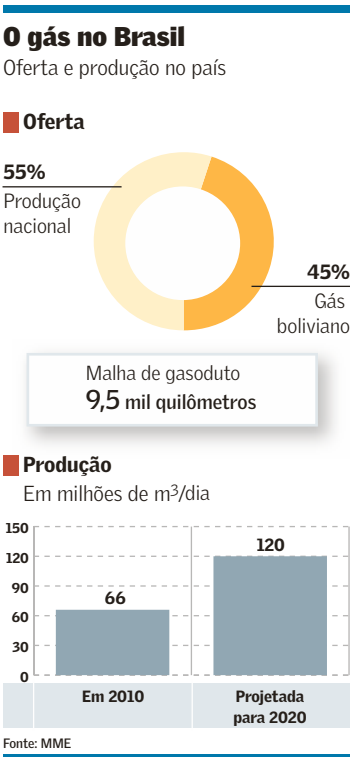
Esses novos projetos de gasodutos serão submetidos ao ministério. Uma vez aceitos, serão transformados em editais e irão à leilão, nos moldes do que ocorre hoje com as linhas de transmissão de energia. Até então, os gasodutos dependiam de autorização para serem construídos. Como a Petrobras domina a malha atual, de 9,5 mil km de extensão, o interesse pela expansão ficava restrito à estatal. Ao trocar o modelo de autorização para o de concessão, o governo esperar atrair investidores interessados em explorar o serviço.

“Essa nova proposta vai aumentar a competição no setor, além de reduzir a tarifa do gás”, diz Marco Antônio Martins Almeida, secretário de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis. Hoje, a Petrobras constrói o duto e estabelece a a tarifa com base no preço do duto. Se alguém não concorda com o valor, é preciso recorrer à Agência Nacional do Petróleo (ANP).

“Participarão do processo não apenas agentes vinculados ao setor elétrico, mas também aqueles interessados em uma aplicação de longo prazo com receita garantida, como os fundos de pensão, por exemplo. Isso fará com que o custo de construção de dutos despenque”, afirma Almeida.

De acordo com o ministério, o preço médio de construção de gasodutos no Brasil é até 50% superior à média do mercado internacional. A concessão das novas estruturas de transporte de gás vai durar 30 anos, podendo ser renovada. Ganhará o contrato aquele que oferecer o menor deságio sobre a receita projetada na licitação de cada projeto.

O governo acredita que os primeiros leilões ocorrerão já em 2012. A proposta, segundo Almeida, pretende atender aqueles projetos que eventualmente não façam parte do plano de expansão da malha traçado pelo Ministério de Minas e Energia.



A expansão da malha de transporte de gás será debatida hoje, em Brasília. Durante seminário, o governo discutirá o Plano de Expansão da Malha de Transporte, que prevê detalhamento de ações nos próximos dez anos. Com base nesse planejamento, que deve ser concluído no primeiro trimestre de 2012, o governo vai tomar decisões sobre novos projetos.

A falta de uma política de apoio

Consumo de energia elétrica cresce baixo da média

Cláudia Schüffner e Marta Nogueira Do Rio

O consumo de energia elétrica no Brasil continua crescendo, mas dá sinais de perda de velocidade. Apesar de ter aumentado 3,8% no acumulado até outubro, o consumo nacional no período, que foi de 357.488 gigawatts por hora (GWh), é inferior à média de crescimento do consumo anual de 5,3% ao ano apurada

desde 2005.

Em outubro, o Brasil consumiu 36.457 gigawatts-hora (GWh). Apesar de registrar crescimento de 3,7% em relação ao mesmo mês do ano passado, o percentual é menor que os quase 3,9% verificados no mesmo mês de 2010 quando comparados com 2009. As informações constam na Resenha Mensal do Mercado de Energia Elétrica, divulgada ontem pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE).

Na avaliação da Empresa de Pesquisa Energética, os números mostram desaceleração da atividade industrial brasileira, cuja média anual vinha crescendo a taxas mais altas desde 2005. A

indústria consumiu no mês passado pouco mais de 15.600 GWh de energia elétrica, apenas 1,2% acima do verificado em outubro de 2010, quando o crescimento foi de 3,14%.

Pelo Smartphone ou pelo iPad® faça sua reserva online de qualquer lugar.

MAKSOD PLAZA
São Paulo - SP

Basta Digitar:
www.maksoud.com.br

(11) 3145 8000
0800.0.13.44.11
Al. Campinas, 150

Índice de empresas citadas em textos nesta edição

5A Consultoria **F16**
ABC **D2**
Abercrombie & Fitch **B2**
Abril **B4**
Ace **G3**
Acerbrag **D5**
AD Shopping **F1, F4**
Agroconsult **B14**
Água de Cheiro **F4**
Airbus **B11**
Almanara **F18**
Alexandre Herchovitch **F24**
Alliansce **F2, F4, F15, F22**
Allianz **G2, G4**
Almeida Junior **F2, F16**
Ambev **D3**
America **F4**
Anadarko **B11**
Ancar **F4, F16, F22**
Andiamo **F4**
Anglo **B9**
Aon **G1**
Apple **B2**
Aramis **F24**
Areva **B11**
Arezzo **F16**
Argo **G3**
Aruba **B3**
Austral **G2, G3**
Avianca **B7**
Azul **B7, G2**
Bain & Company **F7**
Balone **F16**
Banco de Construção da China **B11**
Banco do Brasil **C1, C4, G3**
Banco Industrial & Comercial da China **B11**
Banco Palmas **G4**
BG&H Real Estate **F16**
BHP Billiton **B11**
BIC **D2**
Bicar **F4**
Bio Ritmo **F10**
Bittencourt **F16**
BlackRock **B11**
BM&FBovespa **B9**
BMG **B7**
BNDES **A4, B8**
Bodytech **F4, F10, F18**
Boeing **F2**
BRMalls **F1, F2, F4, F6, F22**
Bradesco **D2, F2, G1, G2, G3**
Bradespar **F2**
Brasco **B9**
Brasfrigo **B7**
Brasil Insurance **G1**
Brasilprev **C4**
Braskem **B9**

British Petroleum **G4**
Brookfield **F4**
Brunella **F18**
Busca Descontos **B5**
C&A **F4**
C+E **F22**
Cacau Show **F16**
Cadillac Fairview **F2**
Caixa Econômica Federal **C9**
Calvin Klein **F24**
Camargo Corrêa **D1, D4, D5**
Capodarte **F24**
Cargill **B13**
Casa & Vídeo **C9**
Casas Bahia **F4**
CasaShopping **F20**
Casino **A6**
Cataratas do Iguaçu **B6**
CCR **B9**
Cecilia Dale **F22**
Cemig **D3**
Cesp **D3**
Charter **G3**
Chevron **G4**
Chilli Beans **F4**
Chubb **G1, G4**
Cinemark **F15**
Cipolatti **F22**
Cisco **B3**
Cisplan **F24**
Citibank **C4**
Citigroup **C3**
Codelco **B11**
Codeme **B8**
Coinvalores **F2**
Commercial Metals **B11**
ComScore **B3**
Concórdia **A4**
Confab **D5**
Corporación America **B8**
Credit Suisse **B11**
Cross Networking **B6**
Cruzeiro do Sul **D2**
CSN **D1, D4, D5**
CVC **F10**
Dafiti **B5**
Damha **F10**
Damp **B7**
Daslu **F24**
Daycoval **D2**
DDR **F2**
Dekra **B9**
Deutsche Bank **C4**
DHL **G4**
Di Cunto **F4**
Dillard's **B2**
Disney **F22**
Due Coochi **F15**
Economize **G2**
EcoRodovias **B9**
Ellus **F24**

Empiricus **D11**
Enami **B11**
Engenvix **B8**
Ermenegildo Zegna **F24**
Ernst & Young **B11**
Esgrima **F12**
Estre **A16**
Excel **G3**
Exsto **A6**
Extra **B5**
Facebook **B11**
Fairfax **G4**
Fasano **F15**
Fibra **B8, B9**
Fnac **B2**
Forest City **B2**
Focus Media **B11**
Forensic Asia **B11**
Forrester **B3**
Franklin Templeton **C4**
Frost & Sullivan **B3**
Games Magic **F15**
GAP **B2**
Gartner **B3**
Gávea **F2**
GBI **B8**
gC2000 **F24**
General Growth **F2**
General Shopping **F2, F24**
Gerdaui **B9, D1, D4, D5**
Gero **F15**
GfK Custom **F7**
Giorgio Armani **F24**
Global Approach **A6**
Globex **B5**
GM **B11**
GM&C Log **A16**
Gol **B7**
Goldman Sachs **B11, C3**
Grendene **D5**
Griletto **F16**
Grupo Friedman **F14**
Grupo Sá Cavalcante **F6**
Grupo Serveng **F6**
Grupo Soifer **F22**
GS&MD **F10, F14, F16**
Holding Clube **B6**
Home Depot **B2**
HP **A16**
HRT **B11**
HSBC **C4**
Hugo Boss **F22, F24**
I9Now **A6**
IBM **F14**
Icec **B8**
IDC **B3**
Iguatemi **F1, F7, F20**
Informal **F15**
Indusval **D2**
Inframérica **B8**
International Finance **G1**
International Paper **B1**
IRB **G3**

IT Data **B3**
Itajubá **D2**
Itaú **C4, D2, F2, G1, G2, G3**
Itautec **A16**
JBS **C4**
J.C. Penney **B2**
J.D. Power **B3**
JCPM **F4**
Jelly **F4**
Jereissati **F7, F18, F22**
JHSF **F1, F2, F4, F7, F15**
Jin Jin **F16**
JLT **G4**
JMalucelli **G2, G3**
João Fortes **F4**
Jones Lang LaSalle **F24**
Jopema **B9**
Kiehl's **F7**
Lacoste **F24**
Laguardalow **F7**
Landis **F4, F10**
LCA **A4**
Le Lis Blanc **F4, F16, F24**
Liberty **G1, G2, G3, G4**
Líder **B1**
Limited **B2**
LIU **G2**
Lojas Americanas **F2, F4**
Longchamp **F7**
Losango **C9**
Lumine **F1, F10**
Lynx **B6**
M. Martan **F24**
Macy's **B2, C2**
Maersk **B9**
Magazine Luiza **B5**
Mapfre **G3**
Marfrig **D11**
Marsh **G1**
Martifer **B8**
McDonald's **F4, F16**
MCF **F7**
Medabil **B8**
Merck **B11**
Microinsurance **G1**
Microsoft **F14**
Minuto **G1**
Mizuho **B11**
MMX **A15**
Moody's **C2**
Morana **F16**
Morgan Stanley **D1**
Motorola **B3**
Moura do Dubeux **F4**
Mr Jack's **F12**
MSD **B11**
Muddy Waters **B11**
Multiplan **F1, F2, F4, F7, F15**
Munich Re **G3**
Nacional Iguatemi **F2**
Nestlé **B13**

Nexar **F16**
NFe **B7**
Nippon Steel **D4, D5**
Nonno Ruggero **F15**
Norcon **B1**
Nova Pontocom **B5**
Oakley **F24**
OAS **B8**
Odebrecht **B8, G4**
Ofner **F18**
Oi **B2**
On Game Station **F12**
Onofre **B5**
Options **B11**
Orient Overseas **B9**
Ornatus **F16**
Outback **F4, F15, F16**
Panamericano **D2**
Pão de Açúcar **A6, F2, F14**
Paraná **D2**
Path Intelligence **B2**
Pátio Mix **F2**
Paulo Chaves **F7**
Petrobras **A2, A6, B8, C4**
Peugeot **A6**
Pierre Cardin **F24**
Playland **F15**
Plural **G1**
Pobre Juan **F15**
Polo **C9**
Porto Seguro **G1, G2**
Portobello **B3**
Price **B8**
Prorevest **A6**
Prosperitas **F4, F6**
Qualicorp **G1**
Ráscal **F15**
RC **A4**
Redecard **D3**
Reebok **F24**
Renault **A6**
Renner **F4**
REP **F6**
Rodia **F18**
Ri Happy **F4**
Riachuelo **F4**
Ricardo Almeida **F24**
Rio Bravo **F2**
Ritz **F15, F18**
RJO **B12**
Rocca Bar **F4**
Rockwell Collins **B11**
Rodeio **F15, F18**
Rossi **B1**
RSA **G2**
Santander **B8, C3**
São José **F24**
São Mateus **B7**
Saphir **F4**
Scot **B13**
Senzari **B2**
Shoulder **F24**

Siderar **D5**
Sidewalk **F24**
Sidor **D5**
Simon Malls **F2**
Sino-Forest **B11**
Siscorp **G1**
Sky **B2**
SLW **D5**
Smartia **G2**
Société Générale **C4**
Sofisa **D2**
Soifer **F7**
Sonae Sierra **F2**
Sossego **G2**
SucesPar **F24**
SulAmérica **C1, G1, G2, G3**
Sunglass **F22**
Suzano **B8**
Swiss Re **G1, G2, G3, G4**
TAM **B7**
Techint **D1, D4, D5**
Tenaris **D5**
Tenco **F6, F22**
Tendências **A4**
Tepco **B11**
Ternium **D2, D4, D5**
Terra **B2**
Terra Brasis **G1**
Terral **F4, F10, F22**
Tetra Pak **B7**
TNS **F14**
Tommy Hilfiger **F24**
Toyota **B11**
Track&Field **F24**
Trip **B7**
UBF **G1**
Uncle K **F4**
Unisys **F14**
UOL **F6**
Urbia **B2**
Usiminas **B8, B11, D1, D2, D4, D5**
Vale **B9, B11, D3**
Viacom **B2**
Vinci **C9, D3**
Vivo **A16**
Votorantim **D1, D2, D4, D5**
Vuarnet **F24**
W Torre **F7**
Walmart **B5**
Walpires **F2**
Webjet **B7**
Westfield **F2, F16**
Williams-Sonoma **B2**
Willis **G1, G2**
Wilson, Sons **B9**
World Tennis **F4**
XP **F2**
Yachtzman **F24**
Zaffari **F4, F14**
Zara **F2**
Zurich **G2, G4**